A MENDIGA

Por Maria Rocha

Essa é uma obra de cunho fictício qualquer situação ou nome de pessoas mencionado, é mera coincidência.

A MENDIGA

Andar, andar sem fim, sem destino, como se nada importasse.
Será que apagaria a dor e solidão ? será ?.
Quantas lágrimas deverão ainda rolar ?. Uma dor sem fim que estraçalha o coração, que dá vontade de arrancá-la do peito com as próprias mãos.
Pobre mulher, imagem perfeita da humanidade sofrida, o que aconteceu para que ficasse assim ?, quem a vê caminhando pelas ruas e praças não sabe, ninguem sabe, apenas alguns a vê chorando de vez em quando e em outras, séria, fixando o horizonte, perdida, esquecida, suja, roupas maltrapilhas e sempre só, muito só.
Será que comeu hoje ? ontem talvez! Ninguem sabe, ninguem viu. Alguns apiedados de sua figura oferecem comida que ela come voraz, outros passam e sorri comentando de sua loucura pacífica.
Já houve um tempo que queriam interna-la no hospício, diziam que um dia ela deixaria suas lágrimas e atacaria quem passasse em sua frente, mas outros não quiseram, até que alguem apareceu e se responsabilizou por ela, dizendo que tomaria conta. A discussão acabou e ela nem sabia, nem tomou conhecimento.
E assim dias e meses se passavam...
As vezes as lágrimas secavam, mas o coração, este não ! chorava e sangrava na dor, a dor da solidão e rejeição.
Sua história ? não, não queria lembrar, pensava ela e então.. a memória como um ser independente e teimoso, voltava.. voltava

MENDIGA

- Vai doutor ?
- ora vamos... veja se quero alguem como tu ? tem coisa melhor lá dentro, falou Dr Astolfo
- ah já sei.. queres a novata, então vai..vai... e corre que já tá sendo leiloada. hahahahahaha, assim ria Nilceia, morena que em outros tempos foi muito bonita.

Ela estava saindo do bordel indo para o seu ponto e pensou que já ganharia a noite ao ter o velho Dr. Astolfo para forrar sua cama.
Coitada, fora bonita e tambem disputada, agora... já com seus 30 anos suas curvas já arredondadas, seios flacidos e algumas rugas no rosto provenientes das noites mal dormidas quando ficava na calçada ou até nas camas noturnas. Poucos a queriam, agora.
Quem foram ? quantos foram ? não sabe dizer, não lembra.
Foram muitos... alguns no começo lhe propuseram casamento mas ela ria com seu sorriso largo de dentes perfeitos e dizia que não, não tinha planos de casar.
Era jovem, bonita, queria aproveitar !
Agora... era dificil encontrar quem lhe queira, quando acontece faz de tudo para agradar ou quem sabe ganhar alguns trocados a mais, mas qual, as vezes não tirava nem para o café da manhã.
Houve algumas vezes que nem ser paga foi. Riam-se e chutavam-na do carro machucando-a.
É... tempos difíceis ! Ela sabia mas não se deixava abater, afinal tivera alguma cabeça e juntara alguns trocados no banco que lhe daria uma velhice mais ou menos tranquila no asilo.
Não, não mexia no dinheiro não, e dizia, aquele era para a sua velhice !
Passasse o que fosse agora, mas já tinha um futuro garantido.

A MENDIGA

- Não podia faltar hem ? disse rindo Madame Vilolette. hahahahaha
- Ora.. a senhora me conhece, não perderia por nada e sorriu com jeito matreiro
- Então, venha logo e dê seu lance, já está em 1.000 réis
- Só isso ? ora bolas, dôu 10.000 réis.
- Alguem dá mais ? gritou a Madame Violette a dona do bordel, a cafetina mais conhecida da cidade. Dizem que sua fortuna vem das noites parienses e que por isso afrancesou seu nome ao desembarcar na cidade e abrir a casa noturna.

Um grande burburinho na sala lotada de homens de todos os cantos da cidade.

- Então.... dou-lhe 1, 2, 3 e.... vendida ao Dr. Astolfo.

Homem de sorte, disse um e outros concordaram. Havia naquela sala lotada, esfumaçada que cheirava a tabaco, um misto de inveja e admiração, afinal o Dr. Astolfo era conhecido por suas extravagâncias e pelos gastos excessivos com garotas novas, recem chegadas ao famoso bordel * Temple la Amour *.

- Leve-a meu amigo, disse Madame Violette sorrindo. Leve a sua Marri para seus braços, sentindo o perfume doce da juventude.

A Madame tinha o hábito de mudar o nome das ¨meninas¨, dizia que era melhor, dava um toque mais **francês** a sua casa.

Lembranças que o tempo esfumaçava !

A MENDIGA

Dr. Ernesto, invariavelmente deixava um prato com comida e um copo de leite ao passar pela praça à noite na volta do trabalho, era caminho, não custava nada.
Ele era médico, homem bem apessoado, não era rico, estava de casamento marcado com Anita, filha do Dr. José, advogado e também senador, homem muito rico e poderoso, dono de fazendas e imóveis diversos no Rio de Janeiro e São Paulo.
Mas não se casava por interesse, era por amor mesmo. Ele e Anita se conheceram atraves de uma amiga dela e a paixão foi instantânea, entretanto como ele não tinha muito dinheiro, adiaram o casamento para só depois do curso de especialização que ele faria na Europa.
Agora faltava pouco para unir-se a mulher de seus sonhos, seu ideal de vida. A única coisa que realmente importava depois dela eram o seus doentes.
Quando defendeu aquela pobre mulher, foi por compaixão mesmo, porque ela lembrava-lhe seus doentes pobres.

Eram gente simples, doentes do corpo e alguns também de espirito, gente sofrida, muitos tinham lágrimas nos olhos que não chegavam a cair. Também chorar para que ? quem os ouviria ? eles diziam.
Anita não gostava e não entendia afinal crescera no luxo, tinha tudo, não sabia o que era necessidade e achava que seu noivo tinha que ficar só com os doentes do consultório, esses sim, iriam pagar pelo tratamento, claro !.
Anita moça bonita, cabelos escuros no corte chanel, olhos verdes e um corpo perfeito, quando sorria fazia com que qualquer briga e desentendimentos fossem esquecidos.

A MENDIGA

Um dia, Dr. Ernesto, encontrou a maltrapilha, deitada no "seu banco "da praça, toda cheia de ferida com sangue a pingar pelo chão, seu coração estremeceu batendo descompassado, porque percebia que a maldade humana tinha chegado a limites insurportáveis, mas também ficou feliz porque afinal encontrara uma brecha para conversar com ela e talvez quem sabe, ajudá-la.
Há muito desejava desvendar o mistério sobre ela porem era só perguntar para que se fechasse no mutismo, havia então desistido, agora só deixava ao seu lado, a comida, leite ou água e as vezes uma fruta e mais nada.
Enfim, ali estava a chance ! abriu sua maleta tirando dela seus remédios, gazes e algodão para limpar as feridas.

Ela abriu os olhos, mas não se assustou, ficou parada esperando, enquanto Dr Ernesto cuidava e isto levou algum tempo, no silêncio total, até que não mais aguentando, perguntou:

- quem lhe machucou deste jeito ?

Com uma voz triste quase sumida, ela disse:

- as crianças

Dr. Ernesto, olhou e por alguns segundos não entendeu o que a mulher lhe dissera e pediu que repetisse o que falara.
Num murmúrio, abaixando a cabeça envergonhada disse

- as crianças

Dr. Ernesto, olhou-a bem e compreendendo o que se passava disse amaciando mais a sua voz.

- Não fique assim, não se sinta culpada, nossa sociedade está mudando, está ficando mais denegrida em seus valores.

A MENDIGA

- Que pena, disse ela
- Porque fizeram isso com você ?
- Não sei, estava sentada em outro banco, distraída, pensando e de repente eles apareceram, me xingaram e começaram a me bater. Foi tudo tão rápido que não pude me defender. Acho que deve ser porque estava sentada em algum lugar proibido.

Sua voz melancolica dizia de suas dores. Era a voz da dor da sociedade relegada ao esquecimento onde a sarjeta era seu único lugar e abrigo.
Dr. Ernesto abaixou a cabeça e sentiu vergonha da sociedade, mas como para tentar dissipar o acontecimento, cobrou ânimo e perguntou-lhe.

- Você já comeu ?

A voz dela tornou-se de novo num murmúrio.

- Não
- Está com fome ?, quer que lhe traga algo ?
- Sim
- bem, eu já acabei meu serviço, disse sorrindo e dando um tapinha amistoso na mão dela.
- Fique aqui que eu volto logo, ok ?

Ele saiu feliz para ir até um bar-pensão ali perto buscar comida para sua nova amiga.
No caminho não conseguia deixar de pensar nela, com suas dores e algo lhe dizia que tinha de ajudá-la.
Chegou então ao bar-pensão e cumprimentou seu Manoel.

- Olá, como vai ?
- Ora pois, vou bem e tu ? o que fazes aqui, queres algo ?.
- Sim, ainda tem comida ?
- Para você, sempre tenho algo especial.

Obrigado, mas não é para mim, mas mesmo assim quero o especial.

Disse sorrindo e pegando o cardápio em cima do balcão.

A MENDIGA

Seu Manoel, tirou o cardápio da mão de Dr.Ernesto dizendo:

- Não, aí tu não vais encontrar nada. Quando digo especial é porque vais escolher o que queres e o Tadeuzinho faz, não é ? disse virando-se para um rapaz que estava atras dele.
- Sim, confirmou Tadeuzinho, peça que aqui, você manda.

Seu Manoel, era um português simples, de modos educado, mas não servil, quando dava ordens ou tratava de negócio sabia fazer valer sua vontade.

Era um homem de estatura média, olhos e cabelos escuros, cortados a escovinha, vestia-se sempre com uma camiseta branca e calça com suspensório.

Já Tadeuzinho, era sobrinho e herdeiro de seu Manoel, um rapaz de 23 anos de estatura média, com olhos azuis e cabelos castanhos claros.

Seu Manoel o adotou quando ainda era bebê, já que sua mulher não podia ter filhos. Tadeuzinho, para os íntimos, ficara orfão, depois de um incêndio considerado acidental, mas que para seu Manoel, tinha sido criminoso, o qual haviam matado sua irmã e o marido dela.

- Mas, diga lá o que queres ? disse seu Manoel a Dr. Ernesto.
- Faça um prato com arroz,feijão, batata frita, lingüiça, salada e um pouco de farofa.
- só isso, tão simples assim ?.
- sim, sorriu Dr. Ernesto. E lembrando-se que não era para ele, falou : Embrulhe para levar e por favor, também quero um copo de leite.
- para beber agora ?
- não, também vou levar.

E voltou a lembrar-se da mendiga e sua tristeza. Será que estava realmente esperando-o voltar ?.

A MENDIGA

Passou os olhos pelo bar-pensão, revestido de azulejos azuis e branco, chão de piso preto e mesas com cadeiras de madeira encerada revestidas de toalhas plásticas de azul escuro e um jarro pequeno de flores encima. Tudo limpo e organizado.
Estava tão distraído que nem percebeu que seu Manoel o chamava, levando um susto quando ele gritou seu nome.

- Ei, Dr. Ernesto acorda !
- Ah ! que houve, porque gritou meu nome ?.
- Ora pois, estavas ai a dormir de olhos abertos. Chamei várias vezes, olha sua comida está pronta e embrulhada.
- Obrigado.

Dr. Ernesto pegou o embrulho e saiu e só no meio do caminho se lembrou que não pagou, mas não importa depois passa lá de novo e acerta a conta.
Encontrou a mendiga sentada no mesmo lugar, quase na mesma posição que deixou.

- Olha o que lhe trouxe, falou ele.
- Obrigado o sr. é muito gentil, não sei como pagar.

Ela ajeitou-se melhor, abriu o embrulho e começou a comer, bem tranquila muito diferente de outras vezes.
Ele ficou olhando e se perguntando intimamente como pode uma pessoa, um ser humano chegar a este ponto.

- Está boa a comida ?
- Hum, hum. Respondeu ela.
- Coma devagar, não vá se engasgar. Depois conversamos.

Levou quase meia-hora para comer tudo. Depois colocou o resto no saco plástico e jogou fora, falando:

- O sr. é muito bom comigo, porque ?
- As vezes não existe porques, apenas se é, mas vamos, quero saber de você, como pode dormir na rua ? não tem casa ou um lugar qualquer ?
- não tenho, as vezes consigo um papelão e quando está frio alguem sempre me dá um cobertor.

A MENDIGA

- Porque isso ? não tem familia nem ninguem para apoiá-la ?
- Não quero falar nisso.
- Ora, está bem não fique chateada, posso fazer mais alguma coisa ? não quer conversar ?
- Não, muito obrigado, o Sr. já fez muito.
- Então vou indo. Tchau !

Dr. Ernesto saiu meio confuso, esperava que ela lhe falasse, lhe contasse seus pensamentos, seus problemas, mas nada, apenas. Ora pensou, afinal o que esperava não é ? que ela caisse em seus braços e chorasse e contasse tudo assim, sem mais nem menos ? só eu mesmo, para achar tal coisa. E afastou-se dali. Chegou em casa e encontrou um bilhete debaixo da porta, Anita queria lhe falar.

- O que será ? e a curiosidade espicaçou-lhe mas como era tarde teve de aguardar o dia seguinte para procura-la.

O dia no hospital está sendo duro, parece que todos resolveram ficar doentes ao mesmo tempo mas passou rápido, quando a noite chegou Dr. Ernesto foi a casa de Anita sendo recebido por Dr José, seu futuro sogro.

Dr. José era filho único de um casal de comerciantes portugueses abastados que não pouparam esforços para ve-lo formado, fazendo-o então, estudar na Europa.

- meu rapaz, mas vamos entrando
- Anita, olha quem chegou ?
- olá querido, como estás ?
- muito bem e voce minha doce amada, falou beijando-lhe a mão
- estou bem, quer uma bebida ?
- sim, obrigado enquanto Anita foi providenciar, Dr Ernesto pegou-se derrepente pensando na mendiga, onde ela estava ? Havia passado lá e não a vira, o que estava fazendo agora ?, provavelmente andando, sem rumo. O tempo frio estava chegando onde será que ficará ?
- O que foi, o que está lhe preocupando ? disse Anita ao perceber o semblante distraido do noivo